

Encomendas e investimentos adiados

por Livia Ferrari
do Rio

A crise política do País já está causando reflexos negativos em alguns segmentos empresariais. O vice-presidente da Muller Indústria e Comércio (do setor de bens de capital), Gilberto Paiva, vem observando, que nos últimos dias, as empreiteiras estão adiando as decisões de compras de máquinas rodoviárias. "São obras públicas que contam com parte de financiamentos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). O receio é que eventuais desdobramentos da crise política resultem em cortes de repasses desses recursos", explica Paiva.

"O ambiente está tumultuado e não permite fazer investimentos no Brasil agora", afirmou Aldo Narcisi, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Base (ABDIB), à editora Maria Christina Carvalho.

Também presidente da Companhia Paulista de De-

envolvimento (CPD), Narcisi esteve na semana passada, na Europa, para convencer o capital externo a participar do programa de concessão de serviços públicos ao setor privado do governo paulista. "Mas essa situação agora prejudica esse trabalho", disse acrescentando que o processo de atração do setor privado para a execução e administração de serviços públicos pode atrasar em função da crise.

Em relação às atividades de comércio exterior da Muller, o pior inimigo é a tendência de alta da inflação, provocada pelo "caso PC". Segundo o vice-presidente da Muller, os aumentos dos custos internos vêm afetando fortemente as exportações de tratores agrícolas. De acordo com ele, os aumentos reais em dólar nos preços dos componentes (autopeças) dos tratores superam a variação cambial.

Diante disso, a alternativa da empresa será desativar, momentaneamente,

as vendas externas de tratores agrícolas, cumprindo apenas os contratos já fechados para os próximos dois meses, da ordem de US\$ 1 milhão em equipamentos para os países do Cone Sul.

A comercialização interna e externa de tratores representa hoje 25% do faturamento total da Muller, um percentual que deverá cair para 20% este ano.

O vice-presidente executivo da Câmara Americana de Comércio, John Edwin Mein, afirmou à editora Maria Christina Carvalho que ainda é "cedo para se avaliar" o impacto da crise no comércio exterior. A preocupação, no momento, é com os reflexos da crise na política econômica: "É preciso saber como isso vai afetar a posição do Congresso na votação das reformas necessárias, inclusive a fiscal, que dão continuidade à política do ministro Marcílio".

O superintendente da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior

(Funcex), Pedro da Motta Veiga, teme por retrocessos na política de abertura das importações brasileiras. Ele receia que, na busca de apoio político, o presidente da República faça concessões a governadores de estado e empresários descontentes com o processo de liberalização econômica.